

A ESTRUTURA POTENCIAL DA CONFERÊNCIA

Elisete Maria de Carvalho MESQUITA – ILEEL-UFU

Apresentação

De 1980 para cá, principalmente, temos presenciado uma grande preocupação com o tratamento dos inúmeros gêneros que circulam em uma sociedade/cultura. Essa preocupação é nobre, uma vez que a partir dela surgem variados estudos que se debruçam sobre um aspecto ou outro dos gêneros e, estudar essas entidades sócio-discursivas significa, na verdade, estudar a própria linguagem.

Ao longo desses últimos anos, entretanto, os gêneros escritos, quando comparados aos orais, têm sido notadamente privilegiados, como se esses fossem mais relevantes do que aqueles. Se considerarmos que as manifestações verbais de um povo se realizam na forma de gêneros orais ou escritos e que os gêneros orais representam essas manifestações há muito mais tempo do que os gêneros escritos – dependentes da invenção da escrita – podemos afirmar que os gêneros orais são tão – ou mais – merecedores de atenção quanto os escritos. No entanto, embora consideremos necessária essa discussão, no momento, não objetivamos tratar dela, até porque ela nos remete ao tão discutido “erro clássico”, amplamente discutido pela Linguística, considerada a particularidade relativa ao fato de lidarmos com gênero, as conclusões as quais esse estudioso chegou quanto às diferenças entre fala e escrita valem também para os gêneros orais e escritos.

Contrariando essa tendência atual de se debruçar sobre os gêneros escritos primários ou secundários (BAKHTIN,...), com este texto, objetivamos apresentar e discutir alguns aspectos formais e funcionais de um gênero oral tipicamente acadêmico: A conferência. Interessa-nos especificamente: i) definir a Estrutura Potencial do gênero oral conferência; ii) apresentar e discutir os elementos obrigatórios e opcionais desse gênero, de acordo com a proposta de Hasan (1995).

Para o cumprimento dessas metas, contamos com um *corpus* mínimo, constituído de 03 conferências proferidas durante o Encontro Internacional de Textos e Cultura, em Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará, em 2008. Essas conferências são as seguintes: Conferência 01: La Théorie Argumentative des Blocs sémantique – Oswald Ducrot e Marion Carel (abertura); Conferência 02: “A Singularidade dos Textos como Facto de Cultura” – Antônia Coutinho; Conferência 03: L’ Analyse textuelle des discours– Jean-Michel Adam (encerramento).

Considerando o perfil acima delineado, este texto está dividido em duas seções. Na primeira discutimos algumas características do gênero conferência, inserindo-a na base teórica adotada para o tratamento dessas características. Na segunda e última seção apresentamos e discutimos alguns resultados obtidos a partir da análise do *corpus* usado.

1.0 O gênero conferência: algumas considerações

Assim como acontece com vários outros gêneros orais, há pouca bibliografia disponível a respeito da conferência. Os poucos estudos encontrados limitam-se à apresentação de definição, caracterização

Resumo; propriamente dita)

Power-point)

2.0 O gênero conferência : uma proposta de análise

Para a discussão de alguns aspectos dos gêneros, sejam eles quais forem, é necessário que se adote uma determinada concepção de gênero, coerente com o que se pretende discutir. Segundo Marcuschi (2008), hoje, temos à disposição uma série de perspectivas sob as quais os gêneros podem ser considerados. Essas perspectivas privilegiam aspectos formais-estruturais ou discursivos dessas entidades. Marcuschi apresenta e discute as perspectivas sob as quais os gêneros podem ser considerados:

a) Perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin): concepção de gênero na perspectiva dialógica.

Perspectiva comunicativa (Gülich, Bergmann): os gêneros são concebidos como modelos comunicativos que criam uma expectativa no interlocutor ao mesmo tempo em que o prepara para uma determinada reação.

b) Perspectiva sistêmico-funcional (Halliday): análise da relação texto e contexto, estrutura esquemática do texto em estágios, relação situacional e cultural e gênero como realização do registro;

c) Perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia): Há preocupação com o aspecto socioinstitucional dos gêneros. Vinculação particular com gêneros do domínio acadêmico e forte vinculação institucional. Maior preocupação com a escrita do que com a oralidade. Há uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais.

d) Perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolingüístico e atenção didática voltada para a língua materna (Bronckart, Dolz, Schneuwly): com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky). Estão preocupados em particular com o ensino dos gêneros na língua materna. Preocupação maior com o ensino fundamental e tanto com a oralidade como a escrita. A perspectiva geral é de caráter psicolingüístico ligado ao sociointeracionismo;

e) Perspectiva da análise crítica (Fairclough; Kress): o discurso é tido como uma prática social e o gênero é uma maneira socialmente ratificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social;

f) Perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural (Bazerma, Freedman): escola americana influenciada por Bakhtin, mas em especial pelos antropólogos, sociólogos e etnógrafos. Preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem (MARCUSCHI, 2008, p. 152-153) .

As perspectivas acima apresentadas, bem como outras que circulam na literatura sobre os gêneros são praticamente unânimes quanto à valorização dos aspectos discursivos dos gêneros se comparados aos aspectos formais. A proposta de Hasan (1995) de tratamento dos gêneros não foge à essa regra, pois tanto Halliday como Hasan defendem a necessidade e a possibilidade de analisar a linguagem como um sistema sócio-semiótico, sendo o texto definido como a instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto da situação. Ao dialogar com o conceito de gênero, esses autores entendem a linguagem como um sistema de significações que medeia a existência humana. Para Hasan (1995), a partir da integração de texto e contexto é possível identificar quais elementos da estrutura textual são obrigatórios e quais são opcionais. Para a identificação desses elementos, a autora esclarece que se deve considerar as **condições de produção de cada gênero** ou nos termos hallidianos “a ocasião de uso da linguagem”. O contexto da situação compreende tudo aquilo que é relevante para a interação e se define de acordo com 3 variáveis:

Campo do discurso: a natureza da prática social (o que está acontecendo) – elogiar, informar...

Relação do discurso: a natureza da conexão entre os participantes da situação comunicativa – (quem participa);

Modo do discurso: natureza do meio de transmissão da mensagem – (o papel da linguagem).

Cada gênero, então, corresponde a padrões textuais recorrentes (o uso que se faz da linguagem para atingir certos objetivos comunicativos) e contextuais, sendo que as variáveis de campo, relação e modo mantêm reciprocidade com os elementos opcionais e obrigatórios do gênero que se configura numa Estrutura Potencial (EP) e são responsáveis pela Configuração Contextual (C.C) que nos permite fazer previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto, ou seja, de qualquer texto que possa ser considerado um exemplo “em potencial” de um gênero específico.

É de acordo com essas considerações que se entenderá o uso que Hasan (1995) faz de Estrutura Potencial de Gênero.

Configuração Conceitual da conferência	
Campo	Discussão de assunto de interesse do público ouvinte e de domínio do conferencista;
Relação	Conferencista-público ouvinte: hierárquica: o primeiro é superior ao segundo, pois tem maior conhecimento do tema discutido.
Modo	Meio falado; linguagem dialógica.

Com base nessas variáveis, é possível definir, em termos da proposta de análise em questão, quais os componentes da Conferência são obrigatórios e/ou opcionais. Lembramos que essa definição está intimamente ligada à maior/menor participação do elemento central da conferência: o(a) conferencista.

As conferências consideradas apresentaram a seguinte configuração ou **movimentos retóricos**, segundo Rojo (2006):

- 1) ABERTURA (feita por um representante do evento). Esse movimento retórico da envolve várias outras fases: saudações; agradecimento(s) a(o) conferencista; apresentação do(a) conferencista; orientações sobre os procedimentos relativos à conferência (opcional);
- 2) EXPOSIÇÃO DO TEMA (conferencista): envolve as seguintes fases: agradecimento ao convite; apresentação sintética do trabalho (opcional); tratamento propriamente dito do tema (leitura, *power point*); fechamento/agradecimentos;
- 3) DEBATE (opcional): orientação sobre os procedimentos (feito por um representante do evento); perguntas/respostas (público-ouvinte e conferencista);
- 4) ENCERRAMENTO (opcional): feito por um representante do evento: agradecimentos a(o) conferencista; despedidas;

Esse esquema mostra que a **exposição do tema** é, obviamente, o cerne da conferência. Talvez, por esse motivo haja questionamentos no sentido de se considerar as outras seções da conferência como partes dela, ou seja, a abertura, o debate e o encerramento não fariam parte do gênero em questão, uma vez que, com exceção do debate, que é movimento opcional, o(a) conferencista é excluído de todas as demais fases. No entanto, se considerarmos que para que haja a exposição do tema a um público-ouvinte, é necessário que alguém anuncie o(a) conferencista, dê algumas informações relevantes sobre o(a) conferencista e sobre os procedimentos dos trabalhos, podemos dizer que as fases 1, 3 e 4 contribuem para que o gênero conferência se configure como tal, devendo, portanto, ser consideradas como pertencentes ao esquema global do gênero. Podemos dizer, ainda, que os elementos opcionais e obrigatórios da conferência nos permitem perceber uma aproximação entre esse gênero e vários outros gêneros orais da esfera acadêmica, principalmente, como, exposição oral, aula, por exemplo. No entanto, o que a torna diferente desses outros gêneros acadêmicos, em certa medida, é a influência da variável **campo do discurso**, uma vez que diferentemente dos outros gêneros acima mencionados, a conferência exige autoria, advinda de pesquisa sobre o tema tratado. Além disso, é mais formal e menos susceptível a mudança do *script*.

REFERÊNCIAS

COSTA, S.R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. **Language, Context and Text: Aspects of language in a Social-Semiotic Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, R. The Conception of Context in Text.in: FRIES,P.; GREGORY, M. (Orgs.). **Discourse in Society: Sistic Functional Perspectives: Meaning and Choice in Language – Studies for Michael Halliday**. Norwood: Ablex, 1995.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. *et al.* (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOTTA-ROTH, D; HERBELE, V.M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruquaya Hasan. In: MOTTA-ROTH,D; BONINI,A.; MEURER, J.L. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: O caso da conferência acadêmica. In: **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006